

PIB fraco derruba taxa de juros

O fraco desempenho da economia foi decisivo para o Banco Central decidir pelo corte de 0,5 ponto percentual da taxa básica de juros (Selic) na reunião de anteontem do Comitê de Política Monetária (Copom). Apesar da negativa oficial do BC, o mercado acredita que a instituição recebeu antecipadamente as informações sobre o pífio crescimento de 0,5% do Produto Interno Bruto (PIB) no segundo trimestre do ano. Os dados teriam sido repassados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base em uma portaria que permite a alguns órgãos do governo, entre eles o BC, ter acesso às pesquisas com até 24 horas de antecedência.

O BC também levou em consideração os números preliminares de julho e de agosto, mostrando um ritmo morno da produção e do consumo, para decidir pela queda maior da Selic.

Apesar das constatações do IBGE e do BC, de que a economia não está caminhando na velocidade desejada, o governo

tentou minimizar os resultados do PIB. "Não podemos dizer que 0,5% seja bom. É evidente que foi aquém do que gostaríamos", disse o ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, mantendo a projeção de expansão do PIB entre 4% e 4,5% para o ano.

Na avaliação de Bernardo, a inflação sob controle e a queda da taxa de juros, além da gradativa recuperação da massa salarial e do consumo das famílias, vão impulsionar o crescimento da economia. Mas ele admitiu que, para consolidar o ambiente positivo à expansão do PIB, o próximo governo terá que avançar nas reformas e na agenda de medidas microeconômicas e, sobretudo, garantir o ajuste fiscal.

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, também insistiu que a economia crescerá 4% neste ano. "Teremos um terceiro e quarto trimestres fortes por causa do crescimento vigoroso do mercado de trabalho. A massa salarial está aumentando 5% ao ano, o que produz uma demanda robusta devido a renda

e ao crédito. A nossa estimativa é de que o mercado interno crescerá entre 4,5% e 5% ao ano".

Oposição ataca

Com a eleição entrando em sua reta final, a oposição, naturalmente, armou-se para detonar o resultado do PIB. "O Brasil está andando para trás. Não é possível no momento em que os países emergentes e da América Latina crescem mais de 6%, o Brasil só cresça 0,5%", alfinetou o candidato do PSDB à Presidência, Geraldo Alckmin. Para a candidata do Psol, Heloísa Helena, o desempenho do PIB foi "pífio". "Esse resultado é o retrato da escolha da política econômica feita pelo governo Lula", assinalou. Cristovam Buarque, candidato do PDT, não deixou por menos: "Fiquei decepcionado. O Brasil foi o país que menos cresceu no segundo trimestre". (VN, LOG e Ricardo Allan)

LEIA MAIS SOBRE PIB NA

PÁGINA 16